

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE DE JARDIM**

JILIMARA BARBOSA VIEIRA

**O CONTATO DE PROFESSORES DE LP COM ALUNOS QUE TÊM O
GUARANI/ESPANHOL COMO LÍNGUA MATERNA DE UMA ESCOLA
MUNICIPAL EM BELA VISTA /MS**

JARDIM - MS

2014

JILIMARA BARBOSA VIEIRA

**O CONTATO DE PROFESSORES DE LP COM ALUNOS QUE TÊM O
GUARANI/ESPANHOL COMO LÍNGUA MATERNA DE UMA ESCOLA
MUNICIPAL EM BELA VISTA/ MS**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato grosso do Sul Unidade de Jardim, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador (a): Prof^ª. Me. Roseli Peixoto Grubert

JARDIM-MS

2014

Vieira, Jilimara Barbosa

O contato de professores de LP com alunos que têm o guarani/espanhol como língua materna de uma escola municipal em Bela Vista /MS, Vieira, Jilimara Barbosa. Jardim: UEMS, 2014, 43p.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação
Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1.O contato de professores 2. Alunos 3. Escola

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Assinatura do autor

JILIMARA BARBOSA VIEIRA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O CONTATO DE PROFESSORES DE LP COM ALUNOS QUE TÊM O
GUARANI/ESPANHOL COMO LÍNGUA MATERNA DE UMA ESCOLA
MUNICIPAL EM BELA VISTA/ MS**

APROVADO EM: _____/_____/_____

Orientador(a): Prof^ª. Me. Roseli Peixoto Grubert

Prof^ª Me. Céllia Fernanda P. Ebling

Prof^ª Me. Elida Rojas

Dedico a Deus em primeiro lugar por proporcionar por meio do dom da vida, a vivência da grandeza das experiências que em minha historicidade tive o privilégio de conhecer. E a todos que partilharam meus sonhos e conquista

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a aquele que dá total sentido a minha vida, e tem me sustentado e nunca me abandonou, e será meu eterno Emanuel Jesus Cristo, te agradeço por me libertar e salvar por ter morrido em meu lugar.

Agradeço a UEMS e a todo corpo docente do curso de Letras que em todos esses anos de formação compartilharam os seus conhecimentos, sempre preocupados em formar profissionais capacitados.

Aos meus queridos familiares, aos meus pais Ailton e Onilda pelo apoio, e por acreditarem em mim. Em especial ao meu esposo Renato Pimentel pela compreensão e pelas palavras de sabedoria, e ao companheirismo que foi essencial para essa conquista.

Eu não poderia deixar de agradecer a minha grande amiga Silvia Talárico com quem esses quatro anos compartilhei momentos de tensões, risos, estudos, e o principal de longas conversas baseadas na compreensão e sinceridade, foi o que selou nossa amizade.

E por fim a minha orientadora Prof^ª. Me. Roseli Grubert, muito obrigada por ter colaborado para o cumprimento de mais essa etapa da minha formação. A Prof^ª. Me. Célia Fernanda P. Ebling que também participou dessa pesquisa como co-orientadora e a Prof^ª. Me. Élide Rojas, abrigada por terem aceitado fazer parte da banca.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a interação professor-aluno, no contexto multicultural de uma escola municipal da cidade de Bela Vista- MS, que faz fronteira com o Paraguai, para verificar se há políticas educacionais que visam à aprendizagem de alunos que têm como língua materna guarani/espanhol, e se há uma metodologia específica para esse perfil ou ela visa somente os falantes nativos, em que momento eles aprendem a Língua Portuguesa. Uma vez que eles atravessam a fronteira em busca do conhecimento a Língua Portuguesa será sua segunda até mesmo terceira língua. Para a realização do trabalho procuramos rastrear, num primeiro momento, a trajetória histórica das duas fronteiras para depois discorrer a realidade da escola investigada, onde a maioria dos alunos são registrados no Brasil mas nasceram e residem no país vizinho.

Palavra chave: professores-alunos-aprendizado

ABSTRACT

This study aims to investigate the teacher-student interaction in the multicultural context of a municipal school in Bela Vista – MS, which borders with Paraguay, to check for educational policies aimed at learning students whose native language Guarani / Spanish, and if there is a specific methodology for this profile or she only refers to native speakers , at what time they learn Portuguese. Once they cross the border in search of knowledge the Portuguese language will be his second even third language. To carry out the work we seek to track , at first, the historical trajectory of the two borders and then discuss the reality of the investigated school where most students are registered in Brazil but were born and reside in the neighboring country.

Keyword: teacher- student- learning

Sumário

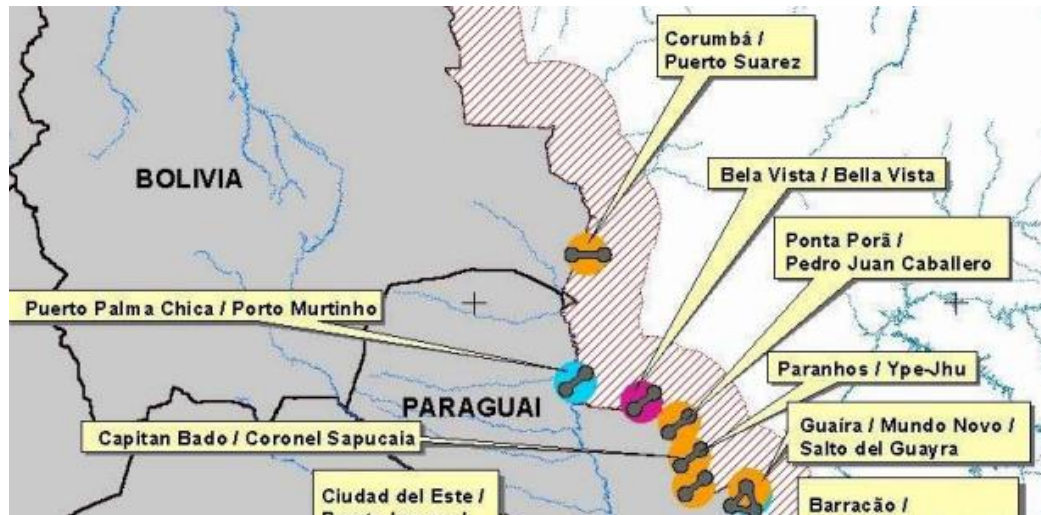
INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I.....	13
1.1 A identidade do sujeito fronteiriço	13
1.2 O contexto bi(multi)lingui	16
1.3 A linguística aplicada e esta pesquisa.....	18
CAPÍTULO II.....	20
2.1 Breve Contextualização da cidade de Bela Vista/MS – Brasil.....	20
2.2 Contextualização da logística educacional da cidade de Bela Vista/MS.....	23
2.3 Breve Contextualização da cidade de Bella Vista Norte – Paraguay	24
2.4 Da logística educacional da cidade de Bella Vista Norte/PY.....	27
2.5 Situação educacional na fronteira Bela Vista e Bella Vista Norte.....	28
CAPÍTULO III	31
3.1 A pesquisa.....	31
3.2 Análise dos dados	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	37
ANEXO	39

INTRODUÇÃO

O Estado de Mato Grosso do Sul está localizado no Centro Oeste da República Federativa do Brasil, fazendo fronteira internacional com o Paraguai e a Bolívia.



Dessa forma, há uma grande faixa de fronteira com cidades gêmeas, ou próximas, de nacionalidades diferentes, proporcionando um contexto sócio linguisticamente complexo, pois é encontrado falantes das línguas guarani, espanhol e portuguesa.



A cidade de Bela Vista, *locus* desta pesquisa, não é diferente, pois é uma cidade brasileira, fronteiriça, gêmea da cidade paraguaia Bella Vista Norte, e conta com um número elevado de crianças bilíngues, que não passam por um conhecimento sistematizado de língua estrangeira devido a influência da língua espanhola e do guarani, duas línguas oficiais do país vizinho o Paraguai. Não raro encontramos, também, em nossas salas de aula, principalmente, neste município, crianças indígenas, que devido a sua língua materna, o guarani também se enquadram nessa estatística.

Assim, o estudo se propõe a realizar uma análise na interação do professor no momento que esses alunos que moram no país vizinho são inseridos no contexto escolar, em busca de esclarecer para dúvidas que muitas vezes os professores não conseguem responder e que estão diretamente ligados ao sucesso ou insucesso no período de escolarização.

Baseando-se no Plano político pedagógico da Escola, o número de alunos oriundos da cidade fronteiriça Bella Vista Norte Paraguai, é significativo são eles 47% que frequentam regularmente o Ensino Fundamental na referida instituição escolar. Segundo o próprio documento, ao efetuarem suas matrículas esses alunos tem dificuldade de adaptação, a alfabetização é muito difícil, pois, essas crianças não dominam o português, e quando o falam costumam misturar com o guarani, idioma que utilizam em seu dia-a-dia.

Os primeiros estágios que uma pesquisa deve obter, segundo Ludke e André (1986) são as definições de problema e a escolha do local onde será feito o estudo, além do estabelecimento de contato para a entrada do pesquisador em campo. Apesar do levantamento e revisão bibliográfica, nesta pesquisa foi feita a coleta de informações junto ao ambiente escolar, através do Plano político pedagógico documento disponibilizado pela própria escola.

Esta pesquisa está amparada no método qualitativo de cunho etnográfico porque tem como objetivo investigar como se dá o processo de interação professor-aluno que tem como língua materna o guarani/espanhol, e analisar a visão do professor e suas experiências nessa relação com alunos que falam outra língua, e se há políticas educacionais que os apoiem no ensino-aprendizagem, isso vai ao encontro do que é proposto pelo método qualitativo uma vez que esta abordagem permite que os problemas sejam redescobertos no campo, e concede a possibilidade de descrição de um sistemas de significados culturais de um determinado grupo (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.14 apud SPRANDLEY, 1979).

A coleta de dados através de questionários respondidos por duas professoras do Ensino Fundamental, uma da alfabetização outra de Língua portuguesa atuante nas séries 7º ao 9º ano, no período matutino de uma escola municipal na cidade de Bela Vista- MS, onde concentra o maior número de alunos que vem do país vizinho Paraguai.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, o perfil do sujeito fronteiriço, e como configura o contexto bi(multi)lingui e de que forma a Linguística Aplicada dará apoio a essa pesquisa, abordando de forma sucinta o seu surgimento. No segundo, abordar-se-á, de forma breve a história de Bela Vista Brasil e Bella Vista Paraguai e a provável razão dessas crianças, estarem frequentando as escolas públicas brasileiras. E no terceiro e último capítulo, através da contextualização do ambiente escolar e na análise dos dados levantados, a conclusão da nossa pesquisa que contribuirá para a o esclarecimento de alguns questionamentos que norteiam as dúvidas quanto acadêmica e futura professora.

CAPITULO I

1.1 A identidade do sujeito fronteiriço

Uma das preocupações desta pesquisa é estudar o sujeito fronteiriço, para melhor compreender as problematizações desse perfil no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa. Nesse momento é preciso especificar o que é identidade, termo importante para o presente estudo, contudo algumas significações trarão clareza ao conceito.

Começarei abordando o termo identidade a partir das três concepções, muito distintas, apresentadas por Stuart Hall, em seu livro “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”. Elas estão divididas em: a) sujeito do Iluminismo; b) sujeito sociológico; c) sujeito pós-moderno.

O Sujeito do Iluminismo estava voltado para o homem, antropocêntrico, centrado nas capacidades da razão, que, segundo Hall (2003) o "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou "idêntico" a ele — ao longo da existência do indivíduo”(2006,p.2). O homem iluminista possuía o centro voltado para o eu e este era essencialmente a identidade de uma pessoa, individual, não social, e usualmente descrito como masculino.

O Sujeito Sociológico, diferentemente do S. Iluminista que é centrado do no eu, desenvolve-se a partir do contato com a sociedade, porém seu núcleo ainda permanece no eu, a identidade sociológica caracteriza-se por meio do ser externo e interno, podendo definir então a ação de dois mundos o individual e o público.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.[...] De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2003, p.11)

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando- os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão "mudando". O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

E por fim a definição do "sujeito pós-moderno" esse está fragmentado ele não é composto de uma única identidade, podendo levar o indivíduo a uma crise identitária, já que ele não consegue estabelecer uma característica fixa. Essa identidade caracteriza o público da nossa pesquisa alunos registrados no Brasil que moram no Paraguai e estudam em escolas brasileiras mas são falantes do guarani/espanhol.

Um tipo de diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade etnia raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. (HALL,2003, p.09, apud EBLING, 2014, p.36)

Na fronteira temos duas sociedades que se cruzam, cada uma com suas particularidades em sua identidade nacional como na língua, crença e ideologias políticas, e na história cada qual com sua versão, nesse caso Brasil e Paraguai, acontecimento que envolve os países vizinhos como o evento da Guerra do Paraguai que divide opiniões, e expressa pontos de vista diferentes, com isso no decorrer da convivência nesse contexto o indivíduo vai remodelando seus atos de acordo com o novo, havendo uma ressignificação. Como descrito anteriormente o perfil dos alunos provenientes do Paraguai mas tem identidade brasileira causando uma hibridação já que seus pais são paraguaios, Canclini (2001) define o fenômeno da hibridação por exemplo, contradição, mestiçagem, sincretismo, transculturação e criouliização. Sendo assim os alunos que compõe o ambiente em pesquisa se encaixam nesse perfil.

Canclini (2001), diz que a hibridação ocorre em condições históricas e sociais específicas, em meio a sistemas de produção e consumo que as vezes operam como coações seguindo se estima na vida de muitos imigrantes. Devido a facilidade de deslocamento de um

país para o outro, a liberdade ao transitar, pode causar no inconsciente desses indivíduos uma anulação que são países diferentes de forma que esse rompe as barreiras geopolíticas.

A composição da identidade do indivíduo não está somente no parentesco e nacionalidade ela se dá também no contexto em que vive, de forma que aprende a língua mãe, os costumes e tradições, e se relaciona com as memórias coletivas e históricas do povo. Tais elementos fazem parte da formação da sua personalidade, e da construção da memória individual. Através do pensamento de Hall (2003) de que a identidade do eu era formada de acordo com a interação com o social e seu núcleo não consiste na autossuficiência afirma-se então.

A partir do nascimento o sujeito começa a construir constantemente a sua identidade pois está, desde o princípio, em contato com outros indivíduos, Sendo assim absorve informações e comportamentos que o tomará como único. Dessa forma, o indivíduo forma sua identidade agrupando informações e ideais, formulando-as e tomando como próprias. Estas informações e ideais, que são absorvidas através dos sentidos e principalmente através do discurso, de acordo com o tempo, se transformam em características permanentes da personalidade deste indivíduo. (EBLING, 2014, p.34)

Portanto devido a interação dessas duas culturas que estão ligadas territorialmente apenas por uma ponte sobre o rio que as divide, é que torna essa sociedade diferenciada, influenciando na construção do perfil desse sujeito que inconscientemente absorve da cultura do outro, contudo marcas essas que influenciam no modo de falar e no comportamento, percebidos pelos que estão fora desse contexto.

Através de sua pesquisa na fronteira de Capitán Bado/PY, que configura um perfil similar ao desta pesquisa Ebling(2014), evidencia essas características fronteiriças, percebendo no discurso determinadas marcas convencionais que permitem a identificação de uma identidade por meio da cultura que possuem a linguagem que utilizam e os tipos de memórias que estes povos transmitem.

Para Foucault (1996), o discurso é um elementíssimo na construção e transmissão de significados. Contudo o modo de agir do indivíduo e sua visão de mundo, os significados formarão valores que construirão a identidade, logo, o que é aprendido na infância o indivíduo carregará ao longo da vida.

1.2 O contexto bi(multi)lingui

A percepção que se tem da estrutura educacional de cidades fronteiriças é que ela pode tornar-se tendenciosa a ponto de favorecer a língua majoritária, mesmo que tenha uma política voltada para a valorização de outras línguas pertencentes a tal localidade. Pereira (1999), expõe em seu estudo sobre políticas educacionais em contextos bi(multi)lingues, que a problemática está na instrumentalização em uma língua preferida, que nesse contexto em pauta será o Guarani/espanhol língua materna de crianças que ao atravessar a fronteira em busca da escolarização tornam-se grupos minoritário

Provindos do Paraguai esses falantes correm o risco do enfraquecimento de sua língua materna, por não haver uma política de valorização dessas línguas vizinhas na educação da cidade de Bela Vista-BR que faz fronteira com Bella Vista-PY.

Essas questões de poder linguístico acarretam definições como línguas majoritárias e línguas minoritárias. Estas línguas, sejam a Língua Portuguesa (no Brasil) ou a Língua Espanhola (no Paraguai) não tem base de poder a quantidade de falantes e sim no âmbito econômico e social do idioma. Nesse sentido, o poder não está necessariamente ligado a questão numérica de falantes de uma língua, mas ao poder político e econômico de uma nação onde a língua se impõe como língua de poder.(EBLING, 2014, p.74)

Diferentemente da Bolívia que em 1995 formalizou um projeto de educação bilíngue que propõe a valorização da cultura e das línguas indígenas presentes naquela localidade de forma a uniformizar o status entre elas, essa preocupação com a igualdade de tratamento reflete na elaboração de materiais didáticos e na formação de professores para trabalhar em contextos étnicos específicos. Baseadas em programas bilíngues, essa proposta educacional boliviana buscou um programa que melhor se ajustasse a sua realidade.

Tais programas bilíngues entre eles Baker (1994) destaca o da “imersão” que surge no Canadá em 1965, que objetivava as competências na comunicação, leitura e escrita em francês, com a inclusão da língua inglesa no currículo visava enriquecer os níveis de aproveitamento, e a apreciação da tradição e cultura de falantes franco-canadenses e anglo-canadenses. O modelo “transicional” buscava o crescimento das habilidades da língua majoritária na sala de aula, com o argumento forte de que a criança precisaria mais dessa língua para funcionar na sociedade, com isso acontecia o decréscimo da língua do lar. E por fim a educação “separatista” que adota uma postura de extremo segregacionismo linguístico.

A educação monolíngue é uma das mais utilizadas, e não está preocupada em estabelecer uma dinâmica entre as línguas majoritária e minoritária, não considera que a criança ao ir para a escola cria uma expectativa e espera sentir-se segura, esse método pode não atender o esperado, a criança pode se deparar com situações desfavoráveis, por exemplo, ao ir a escola ela pode encontrar uma professora que fala uma língua que ela não entende em outra situação a criança pode até entender a língua oficial, mas a escola não considera a língua que ela fala em casa. Essas questões são identificadas na coleta de dados dessa pesquisa.

Não podemos ignorar aqui as questões bilíngues, pois faz parte desse estudo e ressaltamos esse ponto por ser relevante não só para essa pesquisa, contudo faz parte do mundo como destaca Pereira (1999), que há uma predominância de pessoas e nações bi(multi)língue e que no mundo somente a Islândia é um país monolíngue isso realmente é uma exceção. O interesse de aprender a segunda ou várias línguas são muitas, uma delas é a busca de oportunidades em outros países já que o indivíduo interessado vê a sua língua de origem em desvantagem, é o que acontece nessa pesquisa quando tratamos da questão de pais paraguaios registrarem seus filhos no Brasil para que no futuro eles possam desfrutar dos benefícios oferecidos pelo governo brasileiro.

Há várias definições do que é ser bilíngue, Pereira (1999) uma delas diz que o indivíduo bilíngue é aquele que adquire duas línguas simultaneamente entre zero e cinco anos e se torna um bilíngue pleno, de outra forma os indivíduos que falam uma determinada língua e entendem outra, podem ser considerados bilíngues passivos.

Há ainda uma categorização relativa às maneiras através das quais um sujeito passa a ser bilíngue. Baker (1994) se refere aos tipos de bilinguismo infantil fazendo uma distinção inicial entre o *bilinguismo simultâneo* e o *bilinguismo sequencial*. No primeiro caso, encontra-se a ideia de que a criança adquire duas línguas simultaneamente na tenra idade. No segundo caso, a criança aprenderia primeiramente uma língua e mais tarde, então, aprenderia uma segunda língua. (PEREIRA, 1999, p.63 e 64)

Definir o sujeito bilíngue não é algo fácil devido às situações diversas, há quem fala outra língua, mas não a escreve, e outro que lê escreve mas não fala, dessa forma alguns teóricos definem as habilidades em subescala.

As habilidades dividem-se, por sua vez, em duas dimensões: a) receptiva, b) produtiva. O autor segue dizendo que este quadro é muito simples no sentido de servir de parâmetro de classificação. Consequentemente passa a comentar

que as quatro habilidades podem ser vistas em uma subescala. (BAKER, 1994, apud PEREIRA, 1999B, p.65)

O ambiente em pesquisa evidencia crianças que são alfabetizadas numa língua que não é sua materna no caso o Português, assim elas acabam não escrevendo na sua língua de origem, tornando-se somente falantes da sua língua materna. Tenho como definição que estamos tratando com alunos bilíngues num ambiente despreparado devido a ausência de políticas que visam o aprendizado e a valorização da cultura consideradas minoritárias nesse ambiente como abordaremos posteriormente.

1.3 A linguística aplicada e esta pesquisa

Foi na década de 40 durante a segunda Guerra Mundial que se desenvolveram as concepções científicas da Linguística Aplicada, através do contexto sócio-político na América do Norte. Na tentativa de ensinar os soldados Americanos de forma rápida e eficaz a língua do pacífico e de outros locais para onde seriam enviados.

Tomando para si esta preocupação, Linguistas como Fries, Lado e Bloomfield, dentre outros teóricos com conhecimento profundo da estrutura de línguas, combinaram as visões da Linguística Antropológica, da Psicologia Comportamental, o Empirismo Filosófico e o Positivismo e partindo de uma abordagem descritiva, e também da experiência pessoal no campo de inglês como língua estrangeira. Estes estudiosos fizeram as primeiras tentativas de aplicação de teorias linguísticas ligadas ao ensino de segunda língua. (SOARES, 2008)

A Linguística Aplicada começou seu desenvolvimento no interior da Linguística, numa relação de dependência comum e natural entre uma ciência teórica em expansão e sua aplicação incipiente (KLEIMAN, 1992). Num primeiro momento essa aplicação tinha como características tentativas de conjugação do conhecimento que vinham da Linguística aos estudos e práticas do ensino/aprendizagem de língua estrangeira.

Surge com força na década de 90, sendo uma subárea do conhecimento voltada para o estudo do campo aplicado com interesse no esclarecimento de disciplinas que estão relacionadas a linguagem. (SIGNORINI E CAVALCANTI, 1998).

Celani (1992) aponta três concepções epistemológicas distintas, porém não sucessivas, na história do desenvolvimento da Linguística Aplicada: a da Linguística Aplicada entendida como área interdisciplinar, pela qual é tomada como "área autônoma que constrói seus próprios princípios a partir da experimentação e de modificações na solução de problemas", sendo ela o "ponto, então, onde o estudo da linguagem se intersecciona com outras disciplinas" (CELANI, 1992, p.19). A da Linguística Aplicada entendida como consumo, e não como produção de teorias, pela qual a ela "seria um medidor entre descrições teóricas e atividades práticas diversas" E por fim, a da Linguística Aplicada entendida como ensino/aprendizagem de línguas; (CELANI, 1992, p.18);

A partir da década de 90 do século XX são delineadas características da Linguística Aplicada como a insistência discursiva no tema da solução de problemas contextualizados, socialmente relevantes, ligados ao uso da linguagem e ao discurso, e na elaboração de resultados pertinentes e relevantes, de conhecimento útil a participantes sociais em um contexto de aplicação (escolar ou não-escolar).

Neste segmento, a Linguística Aplicada não se limita ao estudo do ensino/aprendizagem, sua área de extensão vai além dos portões do ambiente escolar, procura estudar a sociedade em diferentes perspectivas relacionadas aos indivíduos e a linguagem.

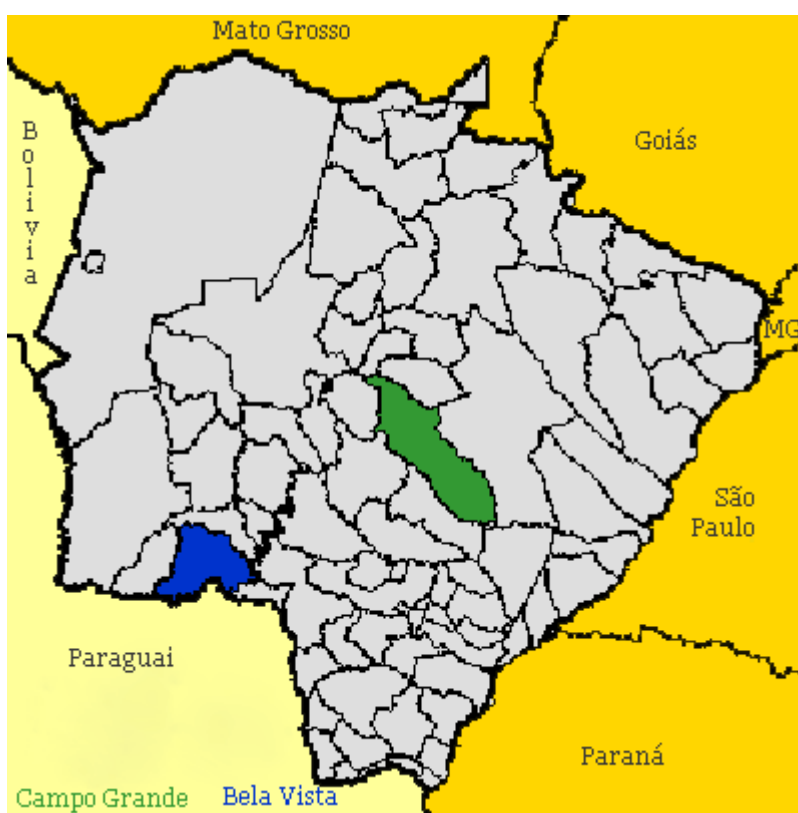
A Linguística Aplicada é, em sua essência, uma disciplina centrada em problema. Quer dizer, ela não pergunta inicialmente como esse ou aquele *insight* na língua poderia ser empregado, mas como esse ou aquele problema prático da língua poderia ser resolvido, estando as respostas teóricas disponíveis ou não. (EVESEN, 1998, p.88 apud FRASER e O'DONNELL, 1969, p. xi).

É através do estudo na área do ensino/aprendizagem que se dará apoio e a fundamentação a essa pesquisa, que investigará a visão do professor com relação aos alunos que tem como língua materna o Guarani/Espanhol, mas estudam em uma escola municipal no Brasil. O intuito dessa pesquisa é o de delinear as problemáticas na interação professor-aluno, e a verificação de políticas que apoiem esses professores dando a eles suportes para elaboração de métodos de ensino da Língua Portuguesa, a esse público de alunos.

CAPÍTULO II

2.1 Breve Contextualização da cidade de Bela Vista/MS – Brasil

A cidade de Bela Vista é cidade gêmea da cidade paraguaia Bella Vista Norte, e está situada ao sul do Centro Oeste e a sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, 360km da capital estadual, Campo Grande, como mostra o mapa abaixo¹.



AZUL - Bela Vista/MS - VERDE - Campo Grande/MS

Sua história começa com o rompimento do Tratado de Idelfonso, 1777, que reconhecia os direitos da colônia portuguesa, Brasil, sobre essa região, reestabelecendo

¹ FONTE - <http://www.belavista.ms.gov.br/pagina/185>

¹Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorrido na [América do Sul](#). Foi travada entre o [Paraguai](#) e a [Tríplice Aliança](#), composta por [Brasil](#), [Argentina](#) e [Uruguai](#)². A guerra estendeu-se de dezembro de [1864](#) a março de [1870](#). É também chamada Guerra da Tríplice Aliança (*Guerra de la Triple Alianza*), na Argentina e Uruguai, e de Guerra Grande, no Paraguai. DORATIOTO, Francisco, Maldita Guerra, Companhia das Letras, 2002.

como limite entre Brasil e Paraguai (ainda colônia espanhola), o Rio Corrente, atual Rio Apa. Entretanto, mesmo com o tratado, no ano de 1801 o capitão espanhol Juan Caballero, juntamente com sua tropa contendo aproximadamente 109 soldados, chegou nessa região realizando a primeira tentativa de posse do local construindo o forte São José. Porém, esta ação fora frustrada, pois no dia 1º de janeiro do ano seguinte a força brasileira do Presídio de Miranda, sob o comando do tenente Francisco Rodrigues Prado, reforçada pelos índios Guaicurus, atacou o forte e aprisionaram a guarnição, morrendo, nesta batalha, Caballero.

Por volta de 40 anos depois, segundo Borges (2009), o Barão Bandeirantes, João da Silva Machado, enviou uma expedição composta pelos sertanista mineiro Joaquim Francisco Lopes e o norte-americano João Henrique Elliot, com o intuito de abrir caminhos para o Centro-Oeste.

A década de 1840, pós Revolta Liberal, fez com que Silva Machado, além do tropeirismo e da política, se dedicasse agora a abertura de caminhos para o Mato Grosso [...] a partir do que seus “funcionários” [...] sertanistas Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott. Em recente artigo, Luiz Borges demonstra a importância destas explorações ao oeste, a partir da região de Tibagi, do que hoje é o estado do Paraná. Atividade que rendeu ao barão de Antonina, também a ampliação de suas terras, sendo que foi considerado proprietário de quase todo o sul do Mato Grosso (ALVES, 2012, 59).

Essa expedição chega até a região de Bela Vista e, de acordo com Velasquez (2009), são os Lopes os primeiros a povoar a região, seguidos dos Barbosas. Gabriel Francisco Lopes e Senhorinha Maria da Conceição Barbosa Lopes acompanharam a expedição enviada pelo Barão de Antonina como cita o texto retirado do site do Museu de Bela Vista.

Em 1836 o casal acompanhou Antônio Gonçalves Barbosa (seu pai) numa expedição de 58 pessoas, rumo a Mato Grosso-MT, a mando do Barão de Antonina (João da Silva Machado). Em 1842/46, Gabriel e Dona Senhorinha fundaram a fazenda "Arroio de Ouro", nas proximidades do rio Apa. Em 1849 o marido foi assassinado por dois escravos, sendo aí sepultado. No ano seguinte (18 de outubro), a viúva é feita prisioneira (primeira vez) por tropa paraguaia, a mando do Presidente Dom Carlos Antônio López e levada à Assunción-PY. Algum tempo depois, por gestões diplomáticas, foi libertada... Em 1851, contraiu matrimônio em segunda núpcias com seu cunhado José Francisco Lopes (o guia da expedição de Mato Grosso), com quem teve sete filhos. Em 30 de dezembro de 1864 é novamente feita prisioneira (segunda vez), e levada para a Vila de Horqueta, distrito de Concepción no Paraguai; por tropas do Coronel Francisco Isidoro Resquin, a

mando do Marechal Francisco Solano López. Lá permanecendo até o término da Guerra da Tríplice Aliança.

Com o fim da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870)² é fixada, em definitivo, a fronteira Brasil - Paraguai, fato esse que acelera a colonização da região. Voltam os primeiros colonizadores, que são seguidos por novos moradores, segundo documentos que constam nos arquivos da Prefeitura Municipal de Bela Vista. A primeira presença física, no local onde hoje está à cidade de Bela Vista, foi representada pelo Posto Militar de Bela Vista criado pela ordem do dia nº 1042, de 28 de abril de 1874, que criou o 2º Batalhão de Artilharia a Pé, que tinha parada em Corumbá.

No ano de 1900, devido o crescimento rápido da população, Bela Vista é considerada distrito. Por lei, no dia 3 de outubro de 1908, é elevada à categoria de município, em 20 de julho de 1900, por lei Estadual, é criada a Comarca de Bela Vista, porém, só em 16 de julho de 1918, é declarada como cidade.

As terras de Bela Vista, por muito tempo, estiveram sob domínio absoluto dos índios Guarani. O Rio Apa era o limite entre os Guaranis e os espanhóis, entretanto além dos Guaranis havia outras etnias andavam por essas terras como os Nhandeva, os Chiripá e outras tribos do tronco Tupi-guarani. Segundo Leite (2001), a aldeia mais próxima, Piracuí, da etnia Guarani, atualmente está à 40 km da cidade e se abastece basicamente do comércio de Bela Vista. Os indígenas vivem do cultivo da terra, e vendem seus produtos como: a mandioca, o milho e seus derivados.

De acordo com o IBGE feito em 2010, Bela Vista conta com, aproximadamente, 23.181 habitantes. O comércio a agropecuária e o Quartel são as principais fontes de renda do município. O principal evento turístico é a exposição agropecuária – EXPOBEL - prestigiada por pessoas do país todo e por estrangeiros dos países vizinhos. Além da exposição, Bela Vista é detentora de muitos pontos turísticos como o Rio Apa, a Lagoa Azul, e belíssimas cachoeiras nas fazendas da região.

2.2 Contextualização da logística educacional da cidade de Bela Vista/MS.

Após a realização de uma pesquisa, documental, feita in locus na Secretaria de Educação Municipal, existem atualmente no município: quatro escolas estaduais, dezesseis escolas municipais, sendo onze na área urbana e a restante nas zonas rurais.

As escolas municipais são de responsabilidade exclusiva do Município, regidas pela Lei Orgânica Municipal nº 1 de 18/03/2002, estabelecida pela Constituição Federal. O município mantém o seu sistema de ensino com a colaboração da União sendo que ao primeiro cabe a responsabilidade de manter os recursos ao Ensino Fundamental e Educação Infantil.

A Lei estabelece o Plano Municipal de Educação de duração plurianual, que ainda está sendo articulado, no qual visão o desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações da ação pública, que conduzem à erradicação do analfabetismo; universalização do atendimento escolar; melhoria do ensino; formação para o trabalho; persuasão do dever com os valores históricos e patrióticos. (1990, p.33).

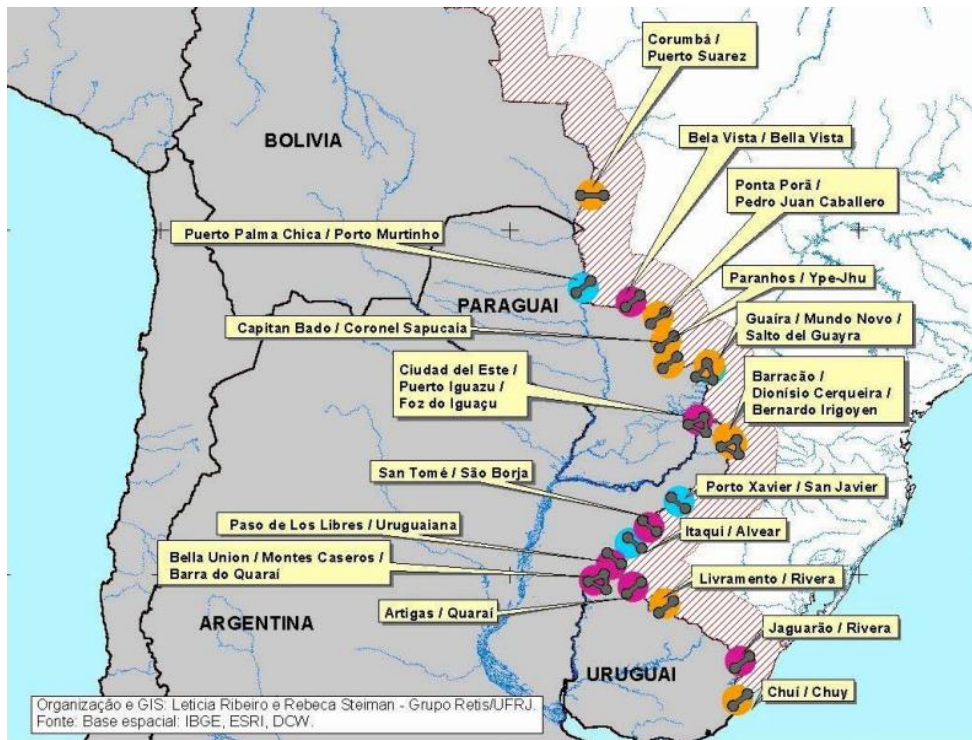
Essa Lei Orgânica do município têm os mesmos perfis da LDB que rege as instituições estaduais de ensino, que por sua vez, direciona as prioridades às escolas municipais para que elaborem seu projeto político pedagógico condizente com a realidade escolar de sua comunidade ou município envolvido. O Estado ainda fornece sugestões de práticas pedagógicas, através dos parâmetros curriculares, que pode vir a facilitar muito, a atuação do professor em sala de aula, como está proposto na introdução do PCN.

Esperamos que os Parâmetros sirvam de apoio às discussões e ao desenvolvimento do projeto educativo de sua escola, à reflexão sobre a prática pedagógica, ao planejamento de suas aulas, à análise e seleção de materiais didáticos e de recursos tecnológicos e, em especial, que possam contribuir para sua formação e atualização profissional. (1998, p.5)

Neste contexto, a educação bela-vistense se preocupa com o desenvolvimento pleno do educando, oferecendo condições estruturais e profissionais para a formação plena do cidadão.

2.3 Breve Contextualização da cidade de Bella Vista Norte – Paraguay

A cidade de Bella Vista Norte está localizada do lado norte do Rio Apa, dentro do Paraguai, no departamento de Amambay³, a 469 km da capital paraguaia, Asunción.



As duas cidades, Bella Vista e Bella Vista Norte são separadas não só pelo Rio Apa, mas também por uma história de guerra e disputa territorial, tendo como seu marco final a Guerra da Tríplice Aliança, mais precisamente, a Retirada da Laguna.

No artigo “A história local de Bella Vista Norte – PY, sob a narrativa de um ex-governante”⁴, o ex-prefeito narra a formação da cidade e conta como seus antepassados viveram no período da guerra e pós guerra.

3 A República do Paraguai está dividida, política e administrativamente, em 17 departamentos, dos quais 14 se encontram na Região Oriental e três na Região Ocidental. O Departamento de Amambay é um destes 14 departamentos que se encontram na Região oriental. Tem como sua capital a cidade de Pedro Juan Caballero.

4 Artigo apresentado no IV – Encontro de Estudos Literários da UEMS, pela Prof.Me.Céllia Fernanda Pietramale Ebling, no ano de 2013.

essa é a história que corriposndi a Biella Vista com relação a guerra de mil oicentos e setenta, sessenta i cinco a setenta, sessenta e quatro a setenta i depois disso não aconteceu mais nenhuma ação aqui. Os brasiliam foram pra lá, os paraguaios foram pra cá, i ficou assim. Aqui continuo a vila a aldeiazinha de sei lá de trezentas quatrocentas pessoa e foi ... foi crescendo até mil noicentos e um e aí maios ou menos tinha uma seiscentas pessoas foi elevada a categoria de município como já lhe falei no dia trinta de agosto... aí foi formando-se as autoridades ... se tem como primeiro:: primeira pessoa que ficou a morar aqui o Capitão chamado ([Julio] - Rulio Pietra) qui foi qui veio antes da guerra a formar um/um destacamento militar até hoje tem aí esse destacamento militar ((aqui na cidade)) já viram? ... é: bem na entrada ali em cima tem um destacamentozinho e esse foi () ... qui na época era um ranchinho agora é mais bonito todo di material ... na época era um rancho um destacamento com u capitão (Pietra) achu qui uns vinte soldado e aí foi / foram os primeiros que ficaram aqui ... vinham as mulheres que ficaram foi crescendo foram nascendo as crianças foi crescendo ((dali mesmo foi ...)) foi ... se tem como dar ... o capitão (Pietra) como provável primeiro habitante daqui (EBLING, 2013, p.6)

Percebam, na voz deste senhor, que “cresceu e casou em sua cidade natal, sendo, também, o primeiro prefeito por decreto do poder executivo e posteriormente o primeiro prefeito eleito de sua cidade” (EBLING, 2011, P.36) pós uma ditadura militar que se findou em 1989, propriedade em sua fala. Em seu depoimento, relatado acima, consta o início e término da Guerra da Tríplice Aliança, além disso, a marcação do fim com a frase “*Os brasileiros foram pra lá, os paragaios foram pra cá, i ficou assim*”, o pra cá, como a entrevista utilizada por Ebling foi feita *in locus*, ou seja, em Bella Vista Norte, o ex-prefeito se refere ao Paraguai. Além disso ele registra em sua narrativa a quantidade aproximada de pessoas que permaneceram no local, “aqui continuo a vila [...] de trezentas, quatrocentas pessoas”, e indica o nome do primeiro morador, o Capitão Julio Pietra.

No momento em que essas famílias se organizavam, tanto do lado paraguaio quanto do lado brasileiro, segundo um histórico elaborado por Salsamendi & Bazzano (2001), o Rio Apa e a Serra de Maracaju foram declarados limites naturais de fronteira (2001, p.8), onde Bella Vista fazia parte desse contexto.

De acordo com Gomes (2009), o processo de demarcação de terras dessa região teve início no ano de 1872 como registra o excerto abaixo.

Em 23 de novembro de 1872 e a distância de 325,88 quilômetros da foz do Apa, os comissários chegaram ao passo de Bela Vista. Até esse local, a fronteira havia sido demarcada sem maiores problemas. A 3,8 quilômetros de Bela Vista, contudo, encontra-se ponto onde dois rios confluem no Apa. Nesse local, os comissários discordaram sobre qual desses rios era a nascente principal do Apa, conforme descrito no Tratado de 1872 (GOMES, 2009, p.29).

Porém, a delimitação entre estas duas cidades só foi finalizada em 1874, após muitas controvérsias e discussões entre os Comissários brasileiros e paraguaios, ficando resolvido que:

[...] em 17 de fevereiro de 1874, quando os comissários receberam a notícia de que os Governos de seus países haviam chegado a um consenso e determinado que o limite seria demarcado pelo rio Estrela, finalmente reconhecido como a nascente principal do rio Apa. Ficava, portanto, demarcada a linha de limites entre Brasil e Paraguai do Passo de Bella Vista até a Serra do Amambaí. (GOMES, 2009, p.32)

Dessa forma, de acordo com Salsamendi & Bazzano (2001), após a Guerra da Tríplice Aliança, começou a lenta e sofrida recuperação do país. Sem homens, pois estes foram dizimados pela guerra, onde mulheres, idosos e inválidos sofriam com a desolação da terra. Os povos e as cidades eram constantemente saqueados por parte das tropas de ocupação do Exército Brasileiro. A região paraguaia se viu invadida por estrangeiros que se diziam donos de enormes extensões de terras adquiridas em troca de prêmios. Assim, formaram-se os latifúndios, verdadeiros impérios, que fizeram pouca coisa para a reconstrução da região.

Bella Vista começava a surgir com força e vigor; foi aparecendo o comércio e fazendeiros provindos da Villa Concepción. Em seu importante mercado corriam soltos o Conto de Réis e os Patacone e algumas outras libras esterlinas. Pelo Rio Apa ingressavam carretas que transportavam sal da Argentina desde o porto até as fazendas de Mato Grosso/BR. Concepción-PY recebia para o embarque mercadorias do Plata, e toda a erva de Ponta Porã-MS/BR, Campanário, e das vizinhanças couros e carnes salgadas para exportar para a Europa.

O trem de ferro de Mato Grosso/BR terminou na época do ouro do porto de Concepción-PY, e com isso a prosperidade das fronteiras. Mato Grosso do Sul deve sua riqueza e seu progresso, segundo Salsamendi e Bazzano (2001), à mão-de-obra de dezenas de famílias paraguaias que se fixaram no Estado, fugindo da miséria econômica e pela instabilidade política que foi uma constante em todas as épocas da história do Paraguai.

No ano de 1887, em que o general Patrício Escobar governava, foi organizado uma comissão um “pueblito” que era apenas uma vila. O nome “Bella Vista” provém de uma elevação de terra que existia sobre o Rio Apa e que chamava a atenção de todos pela beleza natural relatado com paixão pelas autoras:

El nombre “Bella Vista proviene de un paso que existía sobre el Rio APA y que llamaba la atención de todos por la belleza natural que presentaba, era

una vista muy bella; y de tanta admiración y comentario acerca de este paso, surgió el nombre de nuestra comunidad: “Bella Vista” (2001, p.9).⁵

O crescimento urbano, do então distrito de Bella Vista, teve seu ponto de partida com o decreto do Poder Executivo de 30 de agosto de 1901, quando pela primeira vez foi delimitada como cidade. Em 1989, Bella Vista Norte se torna Distrito do departamento de Amambay, em 1991 teve seu primeiro prefeito municipal eleito pelo voto direto, Rúbem Garcete, já citado acima.

Como Bella Vista Norte também era povoada por indígenas, que dominavam estas paragens, ainda hoje o povo paraguaio tem características fortes desses povos. As aldeias mais próximas são: Cerro Akãngue, aproximadamente a 47 km; Pa’i Tavyterã e Ita Jeguaka a 68 e 78 km respectivamente. Todas essas aldeias conservam suas organizações e tradições. Caracteriza-se pela posse comunitária, coordenada por um chefe chamado “Tekoha”, da terra, dos bosques, campos e água (2001, p. 30).

2.4 Da logística educacional da cidade de Bella Vista Norte/PY.

Sabe-se que hoje temos um Paraguai oficialmente bilíngue, em que assume como línguas o espanhol e o guarani, entretanto as questões linguísticas deste país nem sempre foram tranquilas, e pode-se dizer que até hoje não são.

Antes da Guerra da Tríplice Aliança o Paraguai já passava por alguns problemas de prestígio linguístico, sendo que ora o guarani era colocado em evidência, ora era posto à margem. Com o término da guerra, o Paraguai perde o seu domínio econômico, dessa forma, segundo Ebling (2011), a Argentina, o Brasil e a Inglaterra encarregam Domingo F. Sarmiento “para que reformulasse o programa escolar, de modo que retirasse a “língua selvagem” do currículo e mantivesse somente o espanhol” (p.46).

Com altos e baixos a educação vai se mantendo monolíngue no país, mesmo que dentro de casa seja falado o guarani, na escola os alunos devem aprender o código linguístico espanhol. No entanto, no final da década de 60, o guarani é reconhecido como língua nacional e no início da década de 90 é posto como língua oficial paraguaia, ao lado do espanhol.

⁵ O nome "Bella Vista vem de uma passagem existia no Rio APA e chamava a atenção de todos pela beleza natural que apresentava, era uma vista muito bela; e de muita admiração e comentário sobre este local, por causa deste local surgiu o nome da nossa comunidade "Bella Vista" (tradução da autora)

Com isso, foi instituída a Constituição Nacional Paraguaia, que está em vigor desde junho de 1992. A mesma foi a primeira Constituição da história do Paraguai que contou com a participação de todos os setores da sociedade por meio da Convenção Nacional Constituinte, marcando a democracia no país. Passo importante para direcionar um dos pilares essenciais para o crescimento da nação: a educação.

O artigo nº 73 neste documento referente à educação e à cultura corrobora que:

Toda persona tiene dercho a la educacion integral y permanente, que como sistema y processo se realizada en el contexto de la cultura de la comunidade. Sus fines son el desarrollo pleno de la personalidad humana y la promocion de la libertad, la paz, la justicia social, la solidariedade, la cooperacion y la integracion de los pueblos (...) La erradicacion del analfabetismo y la capacitacion para el trabajo son objetivos permanentes del sistema educativo. (C.N.del PY, 1999, p. 33)

Além da Constituição de 1992, em 1993 houve a Reforma Educacional, em que pôs em definitivo a língua guarani no currículo das escolas básica e média como disciplina obrigatória. Para que os professores fossem capacitados na nova disciplina curricular, fora criado um Curso Superior para habilitá-los a atuar na área.

Mesmo que o governo ofereça tais capacitações para os professores, ou apresente no art. 73 o direito de todo paraguaio a educação integral e permanente, a escola não chega à todos. Na maior parte das vezes a evasão escolar ocorre por questões sociais e econômicas, uma vez que mesmo sendo públicas, elas cobram mensalidades e uso de uniforme, além dos materiais escolares que são de responsabilidade da família que muitas vezes não possuem condições financeiras de arcar com as despesas.

Com isso, muitas vezes, esses paraguaios, moradores da cidade de Bella Vista Norte, atravessam a ponte do Rio Apa até a cidade brasileira, para frequentar e receber a educação oferecida pelo país vizinho.

2.5 Situação educacional na fronteira Bela Vista e Bella Vista Norte

A imigração dos estudantes é um tema importante do ponto de vista social porque envolve dois sistemas educacionais numa região de fronteira, no caso o Brasil com o Paraguai. Vale lembrar que as populações absorvem as influências culturais em que brasileiros e paraguaios somam seus costumes para a formação de uma nova cultura rica e

viva presente na sociedade bela-vistense. Percebemos que a mescla dessas culturas não corre o risco de sofrer aculturação, pois há um intercâmbio saudável entre as duas fronteiras tornando o fronteiriço um sujeito dinâmico, composto por identidades múltiplas, provisórias e fragmentada. Essas identidades são definidas historicamente e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

O Paraguai é um país economicamente e socialmente empobrecido por causa da guerra, mas que nos últimos anos vem se reerguendo, razão pela qual não oferece meios de os alunos de baixa renda frequentar uma escola, mesmo que seja pública, principalmente numa região interiorana, que é o caso de Bella Vista Norte. Em razão dessa problemática, é comum regiões de fronteira, como essa, paraguaios terem seus filhos em hospitais brasileiros para adquirirem registro civil e com isso serem beneficiados por programas federais.

Em outra situação muitos pais paraguaios registram seus filhos que nasceram no Paraguai aqui no Brasil, com o objetivo de mais tarde, em idade escolar, usufruírem das escolas públicas brasileiras. Outros ainda alegam que registram seus filhos como brasileiros para posteriormente ingressarem no exército brasileiro, por causa da remuneração, o que não acontece do lado paraguaio.

Na tentativa de uma construção de identidade dos que tem origem paraguaia, mas que possuem nacionalidade brasileira surge o termo “brasiguaios” que reivindicam seus direitos de cidadãos tanto no Brasil como no Paraguai.

O termo “brasiguai” apareceu pela primeira vez em junho de 1985, quando mais de mil famílias de camponeses que viviam no Paraguai retornaram ao Brasil, cruzando a fronteira político-administrativa internacional no Mato Grosso do Sul, próxima ao município de Mundo Novo. (SANTOS E CAVALCANTI, 2011, p.82 apud SPRANDEL, 1992 s/p)

Esse retrato se estende até nossas fronteiras, porém com um diferencial: as famílias continuam residindo no Paraguai. Essa prática na fronteira, de pais paraguaios virem ao Brasil registrar seus filhos como brasileiros para facilitar os estudos dos mesmos nas escolas brasileiras, contraria a Constituição Federal Brasileira, a qual adotou o princípio de que só tem nacionalidade brasileira quem nasceu no Brasil, com apenas duas exceções, previstas no Art. 12. ECR 3/94.

São brasileiros: I. natos: a) os nascidos na República Federativa do Brasil, ainda que de pais estrangeiros, desde que estes não estejam a serviço de seu país; b) os nascidos no estrangeiro, de pai brasileiro ou mãe brasileira, desde que qualquer destes esteja a serviço da República Federativa do Brasil.

Contextualizando, apenas a situação dos estudantes infere-se que as famílias dos alunos paraguaios que estudam nas escolas brasileiras, consideram de melhor qualidade o ensino brasileiro; a assistência às crianças, com programas como a bolsa família; material didático e a obrigatoriedade do uniforme, como fator principal. Nas escolas paraguaias, há exigência de aquisição uniformes por parte das famílias e pagamento de uma mensalidade o que contrapõe os benefícios oferecidos pelas escolas brasileiras.

Pode-se perceber que as leis dos dois países referentes à Educação são semelhantes e, portanto, podem-se analisar os cidadãos paraguaios dizem da real situação – que existe uma contradição entre o que foi escrito e o que é aplicado na realidade na qual se trata nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO III

3.1 A pesquisa

O ambiente de ensino em pesquisa é uma escola municipal da cidade de Bela Vista – MS cujo nome será preservado por questões de sigilo, assim também com o nome das professoras que colaboraram ao responder o questionário, a ser denominadas A e B para obtenção de levantamento dos dados. A professora “A” graduada em pedagogia e pós-graduada em planejamento educacional, atua como docente há dezesseis anos, e no contexto plurilinguístico trabalha há oito anos, e não fala uma segunda língua, atualmente trabalha com alfabetização.

A professora “B” formada em Letras licenciatura plena - português/inglês, atua como docente há vinte e oito anos, e trabalha no contexto plurilinguístico há catorze anos, não fala uma segunda língua, atualmente leciona a matéria de Língua Portuguesa em três turmas do Ensino Fundamental II 7º, 8º e 9º com uma quantidade significativa de alunos falantes do guarani/espanhol, com o total de vinte oito alunos com esse perfil.

Ainda falando da escola ela está localizada próxima a linha demarcatória internacional entre Brasil e Paraguai, esse fator faz com que esse ambiente de ensino seja diferenciado devido a diversidade cultural, como foi citado na introdução 47% dos alunos residem no país vizinho.

O multiculturalismo está ligado ao ensino, pois a relação educação e cultura tem concedido um entendimento de que a escola é um espaço de cruzamento de culturas, havendo certa complexidade, tensões e conflitos. Conforme diz Candau (2009). ”As relações entre educação e cultura(s) nos provocam a situar-nos diante das questões colocadas hoje pelo multiculturalismo no âmbito planetário e de cada uma das realidades nacionais e locais em que vivemos”, ressalta ainda a particularidade do Brasil.

Na América Latina e particularmente, no Brasil a questão multicultural apresenta uma configuração própria. Nosso continente é um continente construído com uma base multicultural muito forte, onde as relações interétnicas têm sido uma constante através de toda sua história, uma história dolorosa e trágica principalmente no que diz respeito aos grupos indígenas e afro-descendentes. (CANDAUI, 2009, P. 17).

É por meio da concepção de que as relações interétnicas são constantes através da história, que se dá o contexto do ambiente escolar dessa pesquisa, considerando a história

desse território relatada no primeiro capítulo deste trabalho, onde alunos transitam livremente a fronteira em busca do ensino e da formação cidadã, oferecida pelas instituições de educação do Brasil.

As mães matriculam seus filhos na alfabetização. Muitos deles chegam à escola falando única e exclusivamente a língua guarani/espanhol e não entende o português, outros não falam o português, mas entendem. Isso cria um conflito entre os professores, pois muitos deles, apesar de viverem na fronteira, não entendem o guarani e a diferença de idioma é a principal dificuldade enfrentada por estes profissionais

3.2 Análise dos dados

O questionário respondido tem como objetivo investigar como se dá a interação professor-aluno, e se há alguma metodologia diferenciada por parte do professor com relação a esses alunos, já que para eles o português será sua segunda língua. Também faz parte dessa pesquisa se há alguma política de apoio a esses profissionais por parte da Secretaria municipal de educação.

A resposta da professora “A” não foi muito objetiva ela disse que respeita os alunos brasileiros que moram no país vizinho, e sempre está em contato com a família, e eles têm muita facilidade em aprender a língua portuguesa, ela não explanou sobre sua metodologia. A professora “B” diz que considera e respeita a língua materna de seus alunos, e que dá aula de Língua Portuguesa, mas, quando necessário, costuma interagir com a professora de Língua Espanhola para que os alunos aprendam com maior facilidade.

Na escola não há nenhuma regra que impede esses alunos de se comunicar em sua língua materna. Como essas professoras lidam com essa questão.

A. diz: “Não é proibido, mas explico a eles que estamos no Brasil e que aqui falamos o Português”.

B. diz: “Peço para eles falarem em Português, uma vez que, mesmo morando no Paraguai, são cidadãos brasileiros porque têm certidões brasileiras. Proibir não é possível”.

É compreensivo o posicionamento das professoras, uma vez que esses alunos precisam aprender o Português língua de domínio local, é importante ressaltar que a interação é um meio de prática para aquisição de uma nova língua.

Ao questioná-las, se há algum desconforto para elas quando seus alunos interagem em outro idioma, as respostas foram.

A. diz: “Sim, porque acho desconfortável ouvir pessoas uma língua que não seja materna”.

B. diz: “Estou acostumada. Meus alunos sempre falam em guarani. Mesmo assim acho desconfortável ouvir alguém falar em outra língua, qualquer que seja, na frente de quem não a domina”.

Para **A.** a maior dificuldade de ensinar o Português para esses alunos está na troca de códigos linguísticos, as letras **i** por **y** e o **b** por **v**, aos poucos ela vai explicando as regras da Língua portuguesa, por meio de sua experiência fala que essas trocas de letras são comuns nas séries iniciais.

Para “**B**”, na escrita os alunos costumam trocar a conjunção **e** por **y**, e o **b** por **v**, mas não considera erro nem dificuldade, apenas uma troca por causa da língua. Mas na leitura é mais difícil porque os alunos têm vergonha do próprio sotaque, e há uma resistência na hora de ler para os colegas.

Em que momento as professoras percebem que seus alunos falantes do guarani ou espanhol, estão aprendendo o Português. A professora “**A**” explicou que no início do ano as dificuldades são grandes, com o passar do tempo os alunos brasileiros que moram no país vizinho começam a se adaptar. A professora “**B**” não vê dificuldade, comparando-os com seus alunos brasileiros, é a mesma coisa.

Quando os problemas linguísticos surgem, qual é a posição da SEMED em relação às metodologias e aos materiais utilizados no ensino da língua para esses alunos. Segundo

A. “Não há uma metodologia e nem materiais específico, nunca solicitei ajuda a SEMED”.

B. “Não tenho problema em ministrar aulas para alunos paraguaios, por isso, nunca solicitei ajuda. A SEMED nunca nos enviou material diferenciado, nem mesmo sugestões para esse tipo de trabalho”.

Através da pergunta se há alguma política linguística para as problemáticas do contexto linguístico no qual atuam. E com relação as avaliações nacionais de ensino, como a Provinha Brasil quais são as estratégias utilizadas para que esses alunos venham obter melhor compreensão na hora da realização da prova.

A. “Sempre estamos nos capacitando e sempre tento utilizar estratégias e métodos utilizados na Provinha Brasil”.

B. “Algumas (raras) palestras foram oferecida. Apesar do sotaque, os alunos leem com certa facilidade. Procuo fazer avaliações nos moldes da Prova Brasil a fim de ajudá-los”.

Os imigrantes estão em toda parte, à situação da referida escola não é única. Migram em busca de liberdade e de qualidade de vida. As famílias que trazem seus filhos para as escolas brasileiras sofrem e lutam para sobreviver, uma vez que em seu país a desigualdade, a pobreza está muito presente, e não resta opção nenhuma se não buscar no país vizinho oportunidades reais para oferecer uma vida digna a seus filhos. Essas famílias normalmente ganham menos que um salário mínimo, muitos homens dessas famílias trabalham na zona rural, as mulheres são empregadas domésticas e não apresenta condições nenhuma de pagar mensalidade, comprar uniforme e material didático exigido pelas escolas públicas paraguaias.

Diante dessa situação, o aluno advindo dessa fronteira, traz consigo uma natural dificuldade, que somada à dos professores, causam uma imperdoável trajetória de fracassos no que se refere ao ensino-aprendizagem, especialmente nos anos iniciais, mudando o cenário nos anos finais do Ensino Fundamental.

De acordo com as entrevistadas, frente a comunicação, e escrita, nas séries em que lecionam não encontram dificuldades, pois naturalmente esses estudantes se apropriam da Língua Portuguesa, seguindo o campo natural do ensino, porém ao ser solicitado para leitura oral sentem constrangimento por causa do sotaque.

Soares vê esse processo como parte da cultura, discorrendo dessa forma:

O estudo das línguas em diferentes culturas deixa claro, da mesma forma, que não há língua mais complexa ou mais simples, mais lógicas ou menos lógicas: todas elas são adequadas as necessidades e características da cultura a que servem, e igualmente validas como instrumentos de comunicação social. (SOARES, 1993: 39).

Ainda de acordo com Soares (1993):

O ideal seria uma sociedade livre de preconceitos linguísticos, em que cada um pudesse usar sua própria língua, sem medo do ridículo ou da censura, e uma escola que não interferisse no comportamento linguístico dos alunos. SOARES, 1993: 48).

De acordo, também, com análises realizadas constatou-se que não há políticas educacionais voltadas a esse público alvo. É imprescindível, pois, que os órgãos responsáveis

invistam em pesquisas para que minimizem as dificuldades e auxiliem os professores, para que estes desenvolvam com mais eficácia as metodologias direcionadas ao multilinguismo.

De acordo com Semechechem (2009), se as políticas educacionais voltadas ao multilinguismo fossem levadas a sério, estas teriam uma nova visão, conforme corrobora em seu artigo “A trajetória do ensino de língua portuguesa no Brasil face ao multilinguismo”:

Deste modo, as novas políticas linguísticas ao reconhecerem o contexto multilíngue do Brasil, implementam ações que tencionem nessa perspectiva, como por exemplo, a Constituição Federal de 1988, na qual a língua portuguesa assume o caráter de língua oficial e não nacional como até então. O fato de a língua portuguesa ser considerada oficial caracteriza a aceitação de outras línguas como parte da nação brasileira, se desfaz assim a subversão entre língua e nação.

Desse modo, a educação enquanto objeto de promoção de desenvolvimento que deve alavancar a edificação da democracia e da cidadania, em algumas questões são primordiais para a sociedade brasileira. Entre elas vale ressaltar a premência de conhecer e valorizar as peculiaridades étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais presentes no país, de forma a facultar que estudantes e educadores vejam o Brasil como um país complexo e multifacetado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo nosso trabalho pode-se refletir sobre a postura dos professores em relação aos alunos bilíngues. Percebemos que a forma tradicional de trabalhar com esses alunos, sobretudo sobre a prática descontextualizada e artificial fugiu terminantemente da realidade em que estão inseridos esses alunos. Essa forma de trabalho pouco contribui para o aprendizado desses alunos de condições socioeconômicas baixa e, principalmente os de região de fronteira.

Formar educadores com qualidade não é apenas uma questão de negócio, mas de respeito. Respeito pelo educador, respeito pelo aluno, respeito pelo ser humano. É imperativo investir nos sujeitos responsáveis pela ação transformadora da escola, principalmente, aqueles que trabalham com a língua, tanto do ponto de vista do conhecimento, quanto dos valores e da cidadania.

Pensando nisso, que profissionais recém-formados devem ser conscientes de que a formação adquirida nos quatro anos de estudo, não é suficiente para renovarmos a didática já existente e precisamos continuar envolvidos na busca de melhores condições para tratar essas crianças que vêm até nós confiantes de que adquirirão conhecimento como acréscimo aos que a vida lhes proporcionou.

Fazer este estudo, muito contribuiu para que entendêssemos o bilinguismo ou multilinguismo ocorrente nessa região de fronteira. Se incorporássemos as variedades linguísticas da nossa região e registros sociais como complemento ao estudo da língua portuguesa com certeza inibiria o preconceito linguístico e difundiríamos a diversidade cultural e linguística, logo seria mais fácil construir metodologias condizente com o processo que envolve o ensino multilingue.

Assim, procurando, enquanto acadêmica, acreditar que é possível organizar espaços de imersão nas pesquisas sobre o ensino de Língua Portuguesa de alunos bilíngues e com isso adquirir conhecimento e embasamento necessário para o sucesso de um trabalho inovador que atenda às necessidades de uma comunidade especial, rica culturalmente em busca de uma somatória que evidencie sua capacidade de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para prática pedagógica. In MOREIRA, Antonio Flávio, CANDAU, Vera Maria. Educação e Diversidade. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CELANI, M. A. A. A relevância da Linguística Aplicada na Formação de uma Política Educacional Brasileira. In FORTKAMP, M.B.M. Aspectos da Linguística Aplicada. Florianópolis: Insular, 2000.17-32.

EBLING. Celia Fernanda Pietramale. Discurso Brasiguai: Vozes da Fronteira. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientado por Prof.Me. Elma Luzia Corrêa Scarabelli. 89p. 2011. UEMS Dourados – MS

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 8. ed – Rio de Janeiro: DP&A, 2003

KLEIMAN, Angela B. O estudo disciplinar da Linguística Aplicada: O traçado de um percurso, um rumo para o debate. P. 51-80. In SIGNORI, Inês, CAVALCANTE, Marilda C. Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

LEITE, Sydney Nunes. Bela Vista: *Uma viagem ao passado*. Gráfica Progresso. Campo Grande MS. 2001.

Lei Orgânica do Município de Bela Vista. 1990

LUDKE, Megan, ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, Maria Ceres, Naquela comunidade rural, os adultos falam “Alemão” e “brasileiro”. Na escola as crianças aprendem o português: um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada, Campinas-SP, [s.n], 1999.

SALSAMENDI, Nilda Bazzano. BAZZANO, LA ESTRELLA, Ramona López de. Del Norte. 1ª ed. Asunción. 2001.

SANTOS, Maria Helena Pires, CAVALCANTI, Marilda Couto. Identidade imposta ao outro imigrante transeunte da/na fronteira Brasil – Paraguai: O peso da mídia nos processos de

nominação. p. 79-112. In BORSTEL, Clarice Nadir Von. COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Linguagem, cultura e ensino. Cascavel: Edunioeste, 2011.

SEMECHECHEM, Jakeline Aparecida. A trajetória do ensino de língua portuguesa no Brasil face ao multilinguismo, 2009. Disponível em: http://www.unicesumar.edu.br/epcc2009/anais/jakeline_aparecida_semechechem2.pdf. Acesso em: 13/10/2014.

SOARES, Doris de Almeida. Introdução à Linguística Aplicada e sua utilidade para as pesquisas em sala de aula de língua estrangeira. I Simpósio de estudos Filológicos e Linguístico. UERJ, 2008.

SOARES, Magda. Linguagem e escola Uma perspectiva Social. 10ª ed. Ed. Atica, São Paulo, 1993.

ANEXO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATOGROSSO DO SUL

UNIDADE DE JARDIM

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)			
ORIENTADORA	Profª Me. Roseli Peixoto Grubert		
ORIENTANDA	Jilimara Barbosa Vieira	RGM	24113
QUESTIONÁRIO			
OBS: As perguntas relacionadas abaixo serão utilizadas como base de pesquisa para o TCC referido acima, sendo que o nome da escola e do entrevistado serão substituídos por denominações fictícias para que seja mantido sigilo.			
1	Qual a sua formação acadêmica? Participou de algum curso de especialização (<i>Lato</i> ou <i>StrictuSensu</i>)?		

2	Com que frequência participa de cursos capacitadores? A busca por capacitação continuada parte de você ou é sugerida pela SEMED local?

3	Há quanto tempo atua como docente? Há quanto tempo trabalha neste contexto escolar sociolinguisticamente complexo (Contexto que abraça mais de uma nacionalidade e língua, tornando-se plurilinguístico e cultural)?
4	Atua como docente em quantas salas (turmas)? Qual a quantidade de alunos paraguaios e brasileiros (por sala)?

5	Considerando que boa parte dos alunos que frequenta as aulas são paraguaios, ou seja, possui como língua materna o guarani e/ou espanhol, a metodologia utilizada em sala de aula considera tais códigos linguísticos ou é voltada somente para a Língua Portuguesa? Por favor, esboce sua aplicação metodológica.
---	--

6	Além de sua língua materna, fala outra língua? Qual?
7	Com relação aos alunos falantes do guarani e/ou espanhol, como é a interação professor-aluno? Há alguma restrição linguística em sala de aula? (como, por exemplo, falar somente em língua portuguesa, proibindo a utilização das outras presentes)

8	Há algum desconforto para você ao ouvir seus alunos interagirem em outro idioma? Por favor, explique o porquê.
9	Em qual momento, e como, você percebe que seu(s) aluno(s), paraguaios, estão aprendendo a língua portuguesa?

10	Quais são as maiores dificuldades de ensinar o português a esses alunos? E como você lida com esses problemas?
11	Quando os problemas linguísticos surgem, qual é a posição da SEMED em relação às metodologias e aos materiais utilizados no ensino de Língua Portuguesa para alunos paraguaios?

12	Há alguma política linguística voltada para as problemáticas do contexto linguístico no qual você atua? Em relação às essas políticas, quais são os métodos e/ou estratégias utilizadas em provas nacionais, tais como a Provinha Brasil, para que esses alunos venham obter melhor compreensão na hora da realização da prova?